

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 82

Data: 19 de julho de 1984

Pg.: 2/6

Grupo japonês conclui a avaliação de Carajás

308 (81-77) 551.58

ESP 19/7/84 pag 26

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

A demanda de óleo de soja continuará a crescer nos próximos anos, mas poderá enfrentar a competição de outros óleos; será necessário desenvolver novas variedades de borracha natural, especialmente mais aceitáveis pelo mercado americano, o consumo de óleo de dendê tende a decrescer, sendo conveniente reduzir os custos de produção, por meio da concentração de projetos, evitando-se excessiva descentralização; por volta de 1990 haverá um equilíbrio no mercado mundial de alumínio, sendo importante verificar a escala dos novos projetos; a produção de cobre deve considerar, prioritariamente, o abastecimento do mercado interno, gerando-se excedentes exportáveis com a utilização de novas reservas minerais.

Essas e outras considerações e recomendações, constam de um trabalho de avaliação das potencialidades agrícolas e minerais da região abrangida pelo Programa Grande Carajás, efetuado por um grupo de 30 especialistas japoneses da Jica — Japan International Cooperation Agency — e que acaba de ser entregue ao Ministério do Planejamento. O estudo foi solicitado ao governo do Japão (a Jica é um órgão oficial) pelo governo brasileiro e consta de três grossos volumes, nos quais é feita uma análise sistemática de 41 produtos agrícolas e minerais, já produzidos ou em condições de serem produzidos na região dos Carajás.

Na área dos produtos agrícolas foram estudados dendê, babaçu, soja, borracha natural, pimenta, castanha do Brasil, guaraná, algodão, produtos florestais, carne e frutas tropicais, especialmente banana, melão, mamão papaya e pêssego. Entre os produtos minerais, o estudo envolveu a bauxita, a alumina e o alumínio, o níquel e o ferro-níquel, o cobalto, o manganês e o ferro-manganês, o minério de ferro e a cassiterita.

O estudo considerou, em primeiro lugar, a situação do produto no mercado internacional, destacando a fase até 1973 e seu comportamento após a primeira crise do petróleo, assim como as perspectivas do mercado até o ano 2000. Para alguns produtos a projeção alcançou até 1990. De um modo geral, o comportamento do mercado tanto das "commodities" agrícolas como das minerais está vinculado à evolução da recuperação da economia mundial nos próximos anos, e a expectativa da Jica, a esse respeito, é positiva, a começar pela recuperação da economia japonesa.

Da mesma forma, considera o estudo que o Brasil tem condições de competir no mercado internacional com os produtos agrícolas e minerais oriundos da região dos Carajás, dadas as facilidades de acesso via estrada de Ferro Carajás—Ponta da Madeira e, a partir daí, pelo porto de Ponta da Madeira, no litoral de São Luís do Maranhão, que tem condições de receber navios de até 350 mil toneladas.

A missão técnica da Jica, composta de 30 especialistas chefiados por Saburo Okita, esteve no Brasil em julho do ano passado, fazendo um estudo na própria região do Programa Grande Carajás. Posteriormente, em setembro do ano passado, uma missão técnica brasileira esteve no Japão complementando os dados colhidos aqui pelos japoneses e aprofundando as discussões que resultaram no relatório.

PRODUTOS AGRÍCOLAS

Em relação aos produtos agrícolas, a Jica destacou dois grupos: o primeiro, composto, entre outros, pela soja, borracha e dendê, foi classificado como de maturidade no mercado mundial. Neste caso, a competitividade, em termos de qualidade e de preço, é o fator primordial para garantir índices crescentes de exportação. Do segundo grupo, composto de produtos ainda sem aceitação generalizada no mercado mundial, mas apenas em mercados locais ou regionais, constam, entre outros, o guaraná e as frutas.

Para este grupo, considera a Jica, extremamente importante, que sejam alcançados elevados índices de produtividade, capazes de compensar a limitação do alto custo do transporte, comparado com o valor unitário do produto. As limitações físicas, resultantes do problema do acesso aos centros consumidores no sul do Estado do Pará, são elementos que influem decisivamente na definição do custo do transporte.

Além das recomendações em relação à soja, borracha e dendê, merece destaque a observação feita pelos técnicos da Jica em relação à pimenta, um dos principais sustentáculos da economia extrativista da Amazônia: é importante melhorar a qualidade do produto e combater efetivamente as pragas, para que ele possa enfrentar, com êxito, o cada vez mais exigente mercado internacional.

Em relação ao guaraná, a sugestão é no sentido de que os preços devem ser estabilizados a um nível que assegure suficiente remuneração ao produtor, para que o Brasil possa organizar-se em mercados tradicionalmente exportadores como o Japão, os Estados Unidos e a Alemanha.

No tocante ao algodão, a Jica informa em seu relatório que a exportação caiu em decorrência de uma redução na produção interna, combinada com um acréscimo na demanda do setor industrial. Particularmente em relação às possibilidades dessa cultura no Grande Carajás, a entidade japonesa identifica algumas dificuldades como o elevado custo dos projetos de irrigação, necessários para garantir uma alta produtividade, e a concorrência que o algodão sofrerá de outras culturas, na disputa das terras disponíveis no Pará e no Maranhão.

PRODUTOS MINERAIS

A Jica analisa, em conjunto, a situação de 13 produtos minerais, concluindo que sua demanda cresceu até 1973, caiu com o primeiro choque do petróleo, tende a recuperar-se juntamente com a economia mundial, mas há um fator que limita a evolução dos preços, que é a superoferta no mercado mundial, forçada sobretudo pelos países em desenvolvimento.

Em relação aos projetos de alumina e alumínio, a Jica sugere que a minimização dos riscos deve considerar uma perfeita economia de escala, na implementação dos novos projetos, e uma decisão no tempo certo no tocante à execução são os "dois fatores críticos para o sucesso".

Quanto ao níquel e ao ferro-níquel, adverte a Jica para a forte competição internacional, estimando que, no próximo ano, a demanda mundial chegará a 570 mil toneladas, crescendo para 650 mil toneladas em 1990 e para 797 mil toneladas no ano 2000, especialmente com a ajuda dos países em desenvolvimento.

SEGUNDA FASE

Na última quarta-feira, em Belém, os técnicos da Jica deram início à segunda fase dos levantamentos, desta feita enfocando a área-programa sob um ângulo novo. A ênfase desta fase será a de examinar, em subregiões selecionadas, os diversos potenciais de desenvolvimento, com o objetivo de oferecer subsídios à elaboração de um plano de desenvolvimento regional, tendo como referências principais o desenvolvimento da pecuária e da agricultura.

Os japoneses trabalharão nas regiões de Marabá, Impetratriz, Araguaiana, Castanhal, Xingu, Bacabal e Balsas, para explorar as potencialidades agrícolas. No tocante aos recursos minerais os levantamentos abrangerão Carajás, Inajá e Bacajá, todos no Pará. Em relação ao desenvolvimento industrial, São Luís, Barcarena, Tucuruí e Marabá.